

PROinSP

Educação sob demanda

DESVENDANDO A PERSONALIDADE E O COMPORTAMENTO HUMANO

Prof. Ms. Erlon Campos



Fonte: <https://pixabay.com/pt/illustrations/dislexia-dist%C3%BArbio-de-aprendizagem-3014152/>.



Objetivos de Aprendizagem

- Conhecer as abordagens clássicas que buscam o entendimento do psiquismo e do comportamento.
- Perceber a importância de cada modelo teórico para o crescimento individual.
- Identificar as possibilidades de aplicação dos conhecimentos abordados no contexto organizacional.

Plano de Estudo

Serão abordados os seguintes módulos:

- O modelo psicanalítico (Freud)
- O modelo humanista (Rogers)
- O modelo comportamental (Skinner)
- O modelo analítico (Jung)

Introdução

Algumas são as características de nosso tempo que impactam de maneira fundamental no mundo do trabalho. Um desses fatores se relaciona ao rápido acúmulo de conhecimento e como as organizações caminham cada vez mais na direção de serem definidas como “organizações do conhecimento”¹. Nessa conjuntura, o time de profissionais que compõe tais empresas necessita possuir as devidas capacitações para o adequado desempenho das demandas típicas desse novo tempo. Essa não é mais uma opção; é uma necessidade estratégica!²

Nesse âmbito, são requeridas, sem nenhuma dúvida, qualificações técnicas indispensáveis para o desempenho desses profissionais, mas, antes disso, são esperadas também algumas habilidades presentes em sua personalidade, a exemplo da inteligência emocional e seus desdobramentos. Como é amplamente reconhecido, depois da publicação da principal obra de Goleman,³ que buscou questionar o conceito de inteligência, os olhares em geral, e do mundo corporativo em particular, se voltaram para o novo entendimento do que seria inteligência e seus potenciais prolongamentos e consequências. O autoconhecimento, as emoções e seu manejo nas relações interpessoais, sua utilização para a realização de trabalhos em equipe, para o alcance de objetivos

¹ ANGELONI, Maria Terezinha (org.); MÜLLBERT, Ana Luísa [et al.]. *Organizações do conhecimento: infraestrutura, pessoas e tecnologia*. São Paulo: Saraiva, 2008.

² PEREIRA, Maria Célia Bastos. *RH essencial*. São Paulo: Saraiva, 2014.

³ GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. São Paulo: Objetiva, 1996.



etc., ganharam muito maior foco e, a partir de então, se descortinaram alguns dos motivos mais importantes para o insucesso das pessoas e, igualmente, como não poderia deixar de ser, das organizações.

A essas realidades veio se juntar outra de vital interesse: a adequação do perfil da personalidade e do seu decorrente comportamento às exigências das organizações. E por que essa relevância? Alguns são os aspectos que merecem ser explorados sobre esse fato.

Por exemplo, a óbvia premissa de que as pessoas são diferentes, possuem talentos diferenciados, características distintas, comportamentos típicos, que são personalidades únicas é percebida de forma consciente ou inconsciente por todos, mas nem sempre estas noções são levadas em consideração na prática das relações interpessoais em geral e nos âmbitos organizacionais em particular.

Nas interações humanas muitos desentendimentos e conflitos surgem pela desconsideração de que as diversas pessoas têm entendimentos divergentes, preferências diversificadas, ritmos variados, jeitos singulares, os quais necessitam ser respeitados e adequadamente aproveitados.

É interessante considerar que muitas vezes a recusa em admitir a diferença e em aceitar o outro pode ser resultante da dificuldade no próprio processo de

aceitação de si mesmo. Daí a importância da consideração da inteligência emocional: autoconhecimento, autoaceitação, administração das emoções, admissão das diferenças, condução produtiva das relações interpessoais.

No contexto organizacional, como sugerido, estas realidades não são mais uma questão alternativa; são um pré-requisito indispensável. Isto é, sem a apreciação, pelas empresas, da diversidade, do aproveitamento e adequação das diferenças das personalidades, dos comportamentos, dos perfis, ocorrerá que suas engrenagens serão emperradas, seu desempenho será abalado, sua sobrevivência estará comprometida.

Por isso, as lideranças organizacionais, os profissionais que lidam com gestão de pessoas, estão cada vez mais especializados no entendimento da natureza humana e na mais apurada condução das relações interpessoais.

Essa área de estudo pode ser embasada e muito favorecida na prática pelos conhecimentos produzidos por grandes estudiosos da mente e do comportamento humano. Eles trazem um acúmulo de ciência e sabedoria sem igual, os quais podem servir de subsídio único para o aprimoramento da atuação desses mesmos profissionais de liderança e de gestão de pessoas.

Diante de todos esses fatores, vamos dirigir nossas atenções às distintas teorias que abordam as temáticas da **personalidade** e do **comportamento** e, posteriormente, a uma questão também de grande interesse: as **diferenças individuais**. Pois, explorar teorias e concepções relacionadas à natureza humana e também a como as pessoas são diferentes e, por conta disso, como podem contribuir para a sociedade e para as organizações a partir do que são, é a função principal desse nosso aprendizado.

Sendo assim, antes de tudo, nossa pesquisa vai se focar em modelos de personalidade. O que isso significa? Significa que vamos mergulhar nas teorias dos principais e mais influentes psicólogos da história recente para buscarmos compreender os resultados de suas longas pesquisas sobre a mente, a personalidade e o comportamento das pessoas. Então, de início, que tal examinarmos mais de perto definições relativas ao que vem a ser personalidade?

Personalidade é um termo aparentado com personificar, personificação, personalizar. Relaciona-se, igualmente, com persona, pessoalidade, pessoal (CUNHA, 1982); e também com a individualidade, caráter, originalidade, perfil, característica, marca, traço (HOUISS, 2011); e está também relacionado a ser, eu, ego, pessoa, individual, individualidade, indivíduo, particular, particularidade, característica, específico, próprio, distintivo, exclusivo, singular



(AZEVEDO, 2010). Personalidade é o que faz “uma pessoa ser diferente de outra, e de todas as outras, não apenas numérica mas também qualitativamente.” (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 452).

Muito bom! Todas essas definições apontam na direção da individualidade, da originalidade, daquilo que é pessoal, individual, característico, único, próprio de cada ser humano. Essas questões impactam, de modo evidente, nos tipos de relacionamentos e nas diversas capacidades de desempenho social, profissional etc. E este, como temos sublinhado, é um ponto vital de nosso aprendizado!

Já na Antiguidade, Platão se interessava em descobrir jovens que tivessem um perfil típico e diferenciado para o exercício da liderança política e já sugeria testes de aptidão específicos para sua seleção. E mais recentemente, Galton dedicou-se a estudar aptidões diferenciadas presentes nos indivíduos. Ele afirmou que “sem um dom especial para um gênero particular de realização, um indivíduo não faria conquistas nessa área” Destacou também que, para tornar-se grande em determinada área “era necessário possuir um grau elevado de capacidade geral.” (TELFORD e SAWREY, 198-?, p. 217, 218).

Temos então, de saída, estes dois expoentes do estudo da natureza humana indicando a presença de inclinações distintas para realizações diferenciadas.





PROinSP

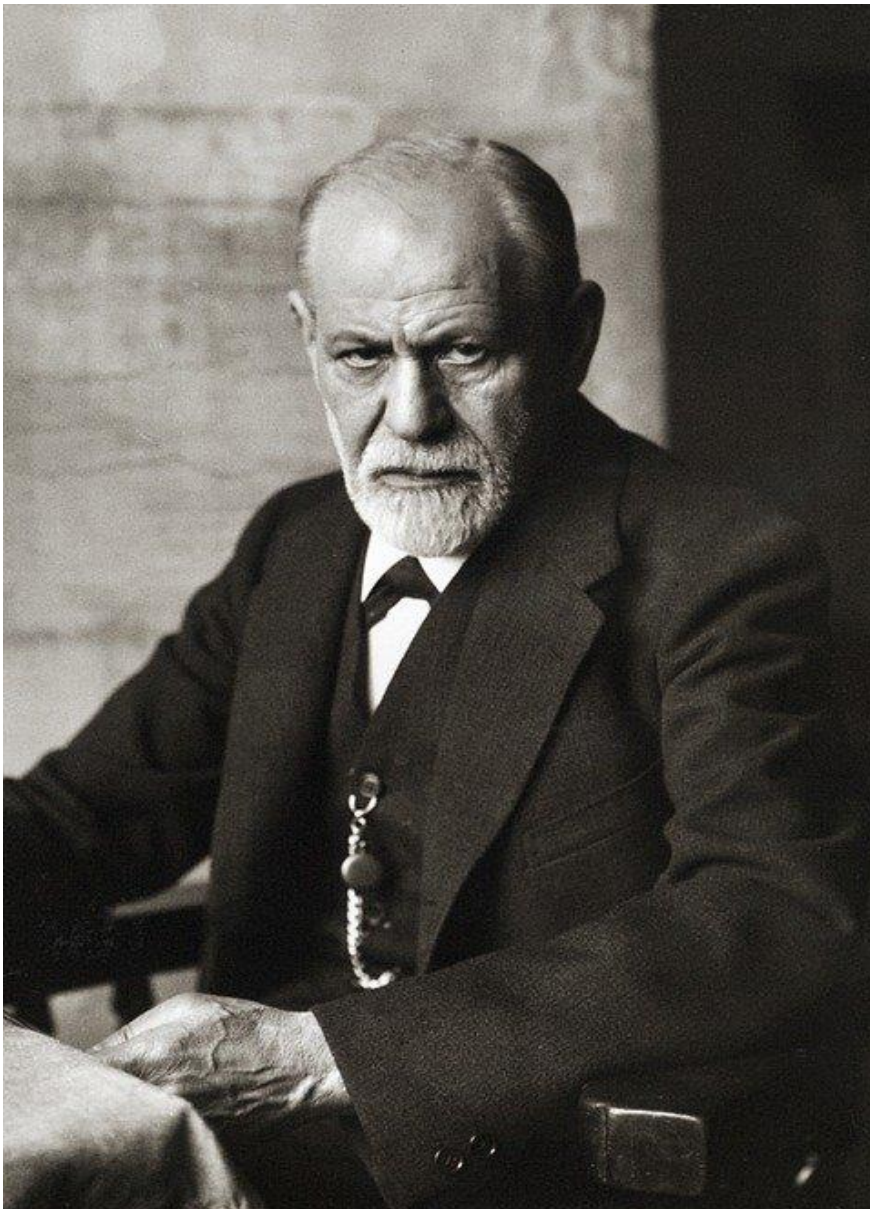
Educação sob demanda

Necessidades específicas serão atendidas com mais êxito por pessoas (personalidades) com características compatíveis com tais demandas!

Está certo! Então vamos dar continuidade ao nosso aprendizado conhecendo mais sobre o que vem a ser personalidade, comportamento e diferenças individuais.



O modelo psicanalítico (Freud)



Fonte: <https://pixabay.com/pt/photos/sigmund-freud-retrato-1926-1153858/>

A primeira teoria contemporânea relevante sobre a personalidade de que vamos tratar é a psicanalítica. De saída podemos tentar legitimar a importância dessa abordagem perguntando com importante destaque o seguinte: por que será que apesar de tantos detratores e mais de um século de críticas,⁴ a Psicanálise ainda possui número tão significativo de adeptos e exerce relevante influência em tantas esferas da cultura? Vamos tentar encontrar parte da resposta observando o que o próprio Freud fala sobre seu trabalho. Vejamos:

“Os ensinamentos da psicanálise se baseiam em grande número de observações e experiências, e apenas quem tiver repetido essas observações em si mesmo e em outros poderá chegar a um juízo próprio sobre ela.” (FREUD, 1938/2018, p. 190).⁵

Mas não necessitamos ficar apenas nisso. Na verdade, Freud pode ser julgado não só pelo “interesse e debate contínuos” sobre aspectos de sua teoria, mas “principalmente por suas ideias” que “se tornaram parte da herança comum da cultura ocidental. Todos nós devemos a Freud a revelação do mundo que

⁴ Ver: MEYER (org.) *O livro negro da psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011; ROUDINESCO *¿Por qué tanto odio?* Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2011.

⁵ Esse trecho aparece em uma obra inacabada, iniciada em 1938 e publicada apenas em 1940, após a morte de Freud. Ou seja, a legitimidade do argumento reside em cerca de cinquenta anos de pesquisas sobre a natureza humana, seus instintos, seu inconsciente, sua sexualidade, o significado de seus sonhos e todo o desenvolvimento de uma técnica para a sua decifração (ROUDINESCO e PLON, 1998).

repousa sob a nossa consciência.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 6). Não é pouca coisa, não é mesmo?

Então vamos entender um pouco melhor alguns aspectos centrais do pensamento desse pesquisador e teórico no que concerne ao ser humano?

Convém considerar, inicialmente, que para Freud a personalidade deve ser tomada “como sinônimo de aparelho psíquico ou aparelho mental” (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 24). Ou seja, a configuração do aparelho mental, o funcionamento do psiquismo terão reflexo na personalidade individual e nas manifestações do comportamento.

E, em seguida, não é de menor importância destacar também que ele entendia que “o corpo é a fonte básica de toda experiência mental.” Aliás, ele esperava o tempo em que “todos os fenômenos mentais pudessem ser explicados com referência direta à fisiologia do cérebro.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 6).

Para entendermos isso com maior clareza, basta você pensar na relação que existe entre o cérebro, com seu funcionamento tipicamente fisiológico, e os processos mentais (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 6).

Ou seja, seus pensamentos, por exemplo, não poderiam existir sem as conexões necessárias entre os neurônios, as chamadas sinapses. Tais pensamentos não

são meras abstrações; antes, são firmemente dependentes de processos físico-químicos presentes no cérebro.⁶

Como dito acima, Freud entendia que a ciência se desenvolveria a ponto de os fenômenos mentais passassem a ser explicados a partir da fisiologia do cérebro. Na verdade, ele “sentia que seu próprio trabalho era frequentemente apenas descritivo e que seria superado por pesquisas aperfeiçoadas em neurologia.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 7). Basta uma rápida pesquisa a respeito dos avanços na área da neurociência para constatarmos a precisão de suas previsões.⁷

Outro fator central na teoria proposta por Freud é o de *conflito psíquico*. E o que isso quer dizer? Para ele, os humanos são tipicamente seres que desejam. Ocorre que a realidade, a cultura, a sociedade, apresentam barreiras que tornam impossível a realização de todas as demandas do psiquismo humano. Como consequência, as pessoas entram em conflito entre suas necessidades instintivas e os impedimentos sociais. Então o psiquismo precisa encontrar algum tipo de saída para chegar a certo equilíbrio (LAPLANCHE e PONTALIS)

⁶ O ponto de comunicação entre uma terminação nervosa e outra célula é denominado *sinapse*. Nas sinapses, o potencial de ação conduzido é transferido para a célula seguinte por meio de processos orgânicos, químicos, isto é, por meio de neurotransmissores (FUJITA e GREGÓRIO, 1988, p. 42).

⁷ Ver DAMASIO, Antonio. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; LENT, Roberto. *Neurociência da mente e do comportamento*. São Paulo: Guanabara Koogan, 2008.

1992, p. 89). Você já tomou consciência desses fenômenos com relação às suas próprias vivências?

O fato é que as observações de Freud revelaram “uma série interminável de conflitos e acordos psíquicos.” Dessa forma, “a um instinto se opunha outro; proibições sociais bloqueavam impulsos biológicos e os modos de enfrentar situações frequentemente se chocavam uns com os outros.” Ante a essas realidades, ele tentou organizar esse caos aparente propondo três componentes básicos estruturais da psique: o id, o ego e o superego⁸ (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 10).

Em vista disso, a psicanálise procura “compreender os interesses gerais da pessoa e o jogo conflitivo desses interesses” enquanto entram em acordo ou em conflito (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 24).

Dependendo, assim, da equação que se dá na constituição e no relacionamento entre estas três instâncias (o *Id*, o *Ego* e o *Superego*), surgirão as personalidades

⁸ Há uma significativa discussão quanto à melhor adequação no uso das expressões *Id*, *Ego* e *Superego* ou *Id*, *Eu* e *Super-eu* para traduzir os termos alemães originais utilizados por Freud (SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud* (2010, p. 92-99). No entanto, apesar da primeira tríade (*Id*, *Ego*, *Superego*) já ser consagrada no Brasil, o tradutor das *Obras Completas* de Freud diretamente do alemão (*Gesammelte Werke*), optou pela segunda das tríades (*Id*, *Eu*, *Super-eu*) sob a justificativa de que não entende ser apropriado em uma tradução do alemão para o português o uso de termos latinos (isto é, *Id*, *Ego* e *Superego*). Todavia, como nos baseamos em outros autores além de Freud (na referida tradução) nesta nossa exposição, seremos obrigados a alternar entre as duas tríades mencionadas no momento em que estivermos seguindo este ou aquele autor: ora *Id*, *Ego*, *Superego*, ora *Id*, *Eu* e *Super-eu*. E quem nos lê deve, portanto, entendê-las, naturalmente, como equivalentes.

típicas, os comportamentos próprios de cada um, o seu jeito de ser. Então, como se formam e quais as principais características dessas categorias psíquicas?

O Id

Para uma compreensão mais prática do que vem a ser o *Id*, imagine um bebê recém-nascido. O que prevalece em seu comportamento se relaciona a necessidades instintivas básicas: fome, sede, calor, limpeza, aconchego. Ainda não existe raciocínio elaborado, mas tão somente manifestações impensadas para a satisfação das exigências da natureza. Em pouco tempo, o bebê começa a perceber, mesmo que de forma ainda bem primitiva, as satisfações obtidas pelo contato com a mãe. E então passa a sentir o desejo por essa junção. Estamos, portanto, diante de fenômenos inatos.

É fácil perceber o quão primitivo e meramente instintivo é este período inicial de vida, não é verdade? Pois esses impulsos iniciais a que nos referimos ilustram em boa medida o que vem a ser o *Id*.

Podemos dizer que o *Id* não raciocina, não julga e, além disso, apresenta impulsos contraditórios dentro de si, buscando apenas o prazer por meio de satisfações instintivas. Quer dizer, as várias emoções, como o amor e o ódio, podem coexistir dentro do ser sem que haja uma intervenção do raciocínio para

a sua devida administração. Vamos entender tudo isso de forma um pouco mais detalhada?

As leis lógicas do pensamento não se aplicam a ele (o *Id*). Assim, por exemplo, no que se refere à lei da contradição, impulsos contrários (ódio e amor) coexistem lado a lado, sem que um anule o outro, ou sem que um diminua o outro (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 48).

E podemos então complementar:

Concebe-se o *Id* assim, repleto de energias que lhe chegam dos impulsos e lutando, exclusivamente, por conseguir satisfazê-los. Orientando-se unicamente pelo princípio de prazer, o *Id* não conhece nenhum julgamento de valor, ignorando o bem, o mal e a moralidade (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 48).

Percebemos, dessa maneira, um funcionamento absolutamente instintivo, sem qualquer julgamento sobre o bem e o mal, o correto ou o inapropriado. Este é um ponto central: O *Id* é basicamente a sede dos instintos.

Para Freud, o *Id* consiste também no “reservatório inicial da energia psíquica” e vai entrar em conflito com as outras instâncias que ainda vamos conhecer: o *Ego* e o *Superego*. E é igualmente interessante notar que o *Ego* e o *Superego* vão surgir justamente como que em sobreposição ao *Id*, em uma espécie de camadas sobrepostas (LAPLANCHE e PONTALIS, 1992, p. 219). Vamos entender melhor o que isso quer dizer:

Primeiro temos este funcionamento psíquico mais primitivo e instintivo (*Id*), depois, por sobre esta primeira camada (como veremos em mais pormenores a seguir), surge a consciência, a percepção do próprio corpo, do *si-mesmo*, da separação do indivíduo em relação ao mundo externo (*Ego*) e, posteriormente, por cima destas instâncias, sobrevirão as influências, os freios e imposições da cultura em que a pessoa está imersa (*Superego*). Estas esferas serão as protagonistas do conflito psíquico acima mencionado.

Mas vamos prosseguir: continue a imaginar o bebê do qual falamos. Seria difícil supor que ele tem plena consciência e noções precisas do que acontece com ele, as razões de seus desconfortos e anseios, não é mesmo? Decididamente ele não tem nenhuma consciência disso. Ele apenas solicita de modo instintivo.

Freud percebe e entende esses processos quando cria a noção de *Id* que se caracteriza por ser inconsciente, considerado um reservatório de instintos desorganizado, um verdadeiro caos, sede de “paixões indomadas” que, sem a intervenção do *Ego*, seria um joguete dessas aspirações instintivas e estaria completamente perdido envolto em uma total confusão (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 399, 400).

Mas isso não é tudo. Há mais a ser dito sobre o *Id*, e com importantes implicações:

Sustento que o homem é animado pelo Desconhecido, uma força maravilhosa que ao mesmo tempo dirige o que ele faz e o que lhe acontece. A proposição ‘eu vivo’ só condicionalmente é correta, exprime apenas uma parte estreita e superficial do princípio fundamental: ‘O homem é vivido pelo id’ (GRODDECK, 1923, p. 10, 11 apud LAPLANCHE e PONTALIS, 1992, p. 221).

Você percebe o que está implícito nessa declaração de Groddeck⁹? A força instintiva presente no humano é de tal magnitude que, em grande medida, se impõe sobre a vontade. Assim, segundo este parecer, não seria o homem que determinaria completamente seu destino; antes disso, seria em grande medida comandado por estas forças desconhecidas!

Freud, em seus últimos trabalhos, também falou explicitamente dessa vertente do “desconhecido” frente às forças determinantes que herdamos e que se manifestam no *Id* e, por conseguinte, sem que tenhamos qualquer condição de interferir sobre elas.

Seu conteúdo é tudo o que é herdado, trazido com o nascimento, constitucionalmente determinado; sobretudo, portanto, os instintos oriundos da organização do corpo, que aí encontram uma primeira expressão psíquica, para nós desconhecida em suas formas (FREUD, 1940/2018, p. 192).

Podemos então resumir que o *Id* “contém tudo o que é herdado, que se acha presente no nascimento,” que está presente na constituição inicial do bebê. E, além disso, ele traz os instintos que se originam nas necessidades do corpo e na

⁹ Groddeck é o autor que inspira Freud a nominar de *Id* esse conjunto de manifestações presentes no psiquismo (LAPLANCHE e PONTALIS, 1992, p. 219, 221).

sua busca de organização e, dessa maneira, “encontram uma primeira expressão psíquica, sob formas que nos são desconhecidas.” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 10).

Esta é, pois, a primeira camada, aquela mais básica e primitiva do aparelho psíquico, de acordo com as pesquisas e o posterior entendimento de Freud a seu respeito. É certo que, de acordo com este modelo, o *Id* é uma “herança comum” a toda humanidade. Contudo, ao mesmo tempo, é evidente que cada ser humano terá suas características próprias, será um indivíduo único e, ainda que com essas potencialidades previamente determinadas, elas terão abertura para serem estimuladas e desenvolvidas para o bom desempenho das mais diversas funções humanas e sociais.

O Eu (ou Ego)¹⁰

Muito bem, pudemos ter algumas noções desta parte mais primitiva e instintiva presente no aparelho psíquico, o *Id*, segundo o modelo psicanalítico. Entretanto, como também tivemos ocasião de mencionar, aquele bebê ao qual aludimos se desenvolve, amadurece e, relativamente em pouco tempo, passa a ter consciência de si mesmo, de sua identidade, de sua distinção em relação ao

¹⁰ É importante frisar que os termos *Eu* e *Ego* serão usados frequentemente como sinônimos neste tópico.

mundo. Evidentemente que o meio externo terá um papel primordial como desencadeador desta consciência. No entanto, há mais a saber.

Neste segmento vamos recorrer a alguns especialistas que apresentam definições extremamente didáticas e repletas de conteúdos para nosso entendimento do que vem a ser o nosso *Ego*, o nosso *Eu*. Vamos acompanhá-los?

Em 1923, Freud publicou um texto clássico chamado justamente “*O Eu e o Id*” no qual aprofunda importantes conceituações sobre estas instâncias, bem como certas relações existentes entre elas. Acentua, como vimos, o *Id* como a sede dos instintos e das paixões, que busca a prevalência do prazer, enquanto o *Eu* seria o responsável por tentar domar o *Id* após considerar as imposições da realidade por intermédio da percepção e da razão.

É fácil ver que o *Eu* é a parte do *Id* modificada pela influência direta do mundo externo (...). Ele também se esforça em fazer valer a influência do mundo externo sobre o *Id* e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que vigora irrestritamente no *Id*. A percepção tem, para o *Eu*, o papel que no *Id* cabe ao instinto. O *Eu* representa o que se pode chamar de razão e circunspeção, em oposição ao *Id*, que contém as paixões (FREUD, 1923/2011, p. 31).

Quase vinte anos mais tarde, Freud manteve seus posicionamentos quanto ao *Eu* se desenvolver a partir do *Id* em função das interações do indivíduo com o

meio externo. O *Eu* passaria, assim, em boa medida, a exercer a função de mediador entre as solicitações instintivas do *Id* e as exigências do ambiente sociocultural.

Sob a influência do mundo externo real que nos rodeia, uma parte do *Id* teve um desenvolvimento especial. Originalmente uma camada cortical, dotada de ordens para a recepção de estímulos e de mecanismos para a proteção contra estímulos, a partir dela se produziu uma organização especial que passou a mediar entre o *Id* e o mundo exterior. A essa região de nossa psique demos o nome de *Eu* (FREUD, 1940/2018, p. 192).

Vamos confirmar esta conceituação com algumas outras perspectivas? Se é indispensável voltarmos a nossa atenção para a formação do *Ego*, que não está presente no momento do nascimento, mas se forma em grande medida a partir das reivindicações do mundo externo, não menos importante é atentar ao papel que o mesmo *Ego* exerce como um mediador e defensor do psiquismo para a manutenção de seu equilíbrio frente às ameaças que possam surgir contra si.

No pensamento freudiano, o *Ego* não está presente no início da vida do indivíduo, devendo ser desenvolvido. Na ótica genética, uma parte do *Id* é adequadamente modificada pela proximidade e contato com o mundo externo, sendo este o fator decisivo na formação do *Ego*. Neste sentido, pode-se dizer que o *Ego* é aquela parte do *Id* que, modificada pela proximidade e influência do mundo que circunda o sujeito, está apta tanto a receber estímulos como a funcionar como escudo protetor contra tudo aquilo que ameaça o aparelho mental (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 48, 49).

Vamos entender ainda um pouco mais? A rigor, o *Ego* volta sua atenção primordialmente para a realidade externa. Todo o aparelho perceptivo pode ser usado para o desempenho dessa função. Mas não é só isso: o *Ego* também volta suas atenções para o que acontece no interior da psique. Este duplo movimento fomenta o aparecimento da consciência de si mesmo.

O *Ego*, enquanto sistema, encontra-se voltado principalmente para o meio externo, sendo o instrumento perceptivo básico daquilo que surge de fora. Constituindo-se como o órgão sensorial de toda a personalidade, o *Ego* é, entretanto, receptivo também as excitações provenientes do interior do sujeito. É, portanto, durante seu funcionamento que surge o fenômeno da consciência (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 49).

É de interesse confirmar estas concepções a partir das palavras do próprio Freud. Há implicações importantes aqui: já está claro para nós que o *Eu* e a *formação da consciência* se estabelecem a partir dos estímulos que vêm de fora e dos impulsos provenientes do interior do psiquismo.

Contudo, há mais que isso: podemos ampliar nossa visão a respeito do *Eu* como o responsável não somente pela consciência e percepção, mas também pela autopreservação emocional. Nesta conjuntura, o *Eu* aprenderá a manipular o ambiente externo e passará a buscar o equilíbrio por meio da escolha do momento mais adequado para a satisfação de necessidades psíquicas ou mesmo a negação de sua satisfação.

Devido à relação preestabelecida entre percepção sensorial e ação muscular, ou Eu tem à disposição os movimentos voluntários. Sua tarefa é a autopreservação, e a cumpre tomando conhecimento dos estímulos externos, armazenando (na memória) experiências relativas a eles, evitando (através da fuga) estímulos fortes demais, indo ao encontro (através da adaptação) dos estímulos moderados e, por fim, aprendendo a modificar o mundo externo para a sua vantagem (a atividade); na direção interna, perante o Id, adquirindo controle sobre as reivindicações dos instintos, decidindo se devem chegar a ter satisfação, adiando essa satisfação para momentos e circunstâncias favoráveis no mundo externo ou suprimindo simplesmente excitações deles (FREUD, 1940/2018, p. 192, 193).

Isto tudo envolve uma *ação do pensamento para o controle dos impulsos*. Nos primeiros estágios de desenvolvimento o *Ego* apenas capta os impulsos que atingem o psiquismo; no entanto, gradativamente, passa a ter cada vez mais controle sobre eles. Em muitas ocasiões terá domínio sobre a busca indiscriminada das satisfações e desejos do *Id*, que se atendidos poderiam desencadear conflito e angústia no psiquismo.

O controle do acesso dos impulsos à motilidade é efetuado, principalmente, pela atividade do pensamento. Este se interpõe, no *Ego*, entre o impulso e a ação. Desta forma, deve-se observar que o *Ego* sofre, em seu desenvolvimento, uma evolução que vai da mera percepção dos impulsos, ao exercício gradativo de controle sobre os mesmos. Em resumo poder-se-ia dizer que o *Ego* destrona o princípio do prazer (que domina sem qualquer restrição o curso dos eventos do *Id*), cumprindo a sua atribuição ao descobrir as circunstâncias em que tais intenções possam ser

realizadas com um mínimo de conflito (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 49).

Como temos visto, o bebê recém-nascido se comporta unicamente como um ser instintivo, desejante da satisfação de suas necessidades mais básicas. Todavia, a realidade deste bebê fará com que receba tanto estímulos externos quanto internos e, por conta disso, passará a ter *consciência de si mesmo*. Como consequência, tais necessidades instintivas podem passar a ser administradas. De que maneira? Pela avaliação, por parte do intelecto, da conveniência de sua satisfação ser imediata ou adiada. Ou seja, o ambiente passa a ser analisado e manipulado para a busca do equilíbrio através da fuga de situações que gerem conflitos psíquicos.

Nesse decurso, qualidades como inteligência, percepção, capacidade de avaliação, uso da experiência para administração da realidade serão ferramentas à disposição da ação do *Ego*.

Desse modo, um *Ego* mais consciente atuará de modo mais eficaz, priorizando a razão e a utilização das inteligências cognitiva e emocional. As instâncias mais primitivas da personalidade darão lugar a ponderações sobre como atuar convenientemente diante de cada situação, tendo também como referência as exigências culturais, ambientais, sociais. Esse é o processo que terá o potencial de fazer um bebê ser posto na rota para se tornar um adulto!

O intelecto é um dos instrumentos acessíveis ao ego. A pessoa mais livre é aquela que é capaz de usar a razão sempre que for oportuno, e cuja vida emocional está aberta à inspeção consciente. Tal pessoa não é levada por resíduos insaciados de eventos passados mas pode responder diretamente a cada situação, equilibrando suas preferências individuais e as restrições impostas pela cultura (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 25, 26).

Estas não são, pois, concepções a serem desconsiderados por quem busca mais aprimorada compreensão das pessoas, e também um melhor entendimento dos comportamentos e potenciais humanos. São conhecimentos que podem fundamentar e dar subsídio a ações que visem ao aprimoramento dos indivíduos em suas execuções sociais, profissionais e demais esferas de atuação.

O Super-eu¹¹ (ou Superego)

Muito bem, até agora nós pudemos observar alguns dos funcionamentos do *Id* e do *Ego*. Percorremos parte do trajeto que leva dos instintos mais primordiais até ao surgimento da consciência e, depois, ao uso do pensamento para a manipulação e condução da realidade em busca de equilíbrio.

Durante nosso percurso, o papel do meio externo, das exigências da cultura e da sociedade foram sendo evocados como fatores desencadeantes da formação

¹¹ Freud alterna sua terminologia relacionada a esta instância se referindo a ela como *Super-eu* e como *ideal do Eu*. Lembremos ainda o que o prefixo “super” é aqui usado na acepção de “em cima de”, como em “superpor” e “supercílio”, e não no sentido de abundância ou excesso, como em “superfaturar” ou “superproteção” (Nota do tradutor das *Obras Completas* de Freud, v. 16, p. 34).

da consciência e de potenciais conflitos entre as demandas do *Id* e estas mesmas restrições impostas pelo ambiente. Estas fontes externas que despertam tal consciência foram tecnicamente acomodadas por Freud no conceito de *Superego*, ou *Ideal de Ego* (*Super-eu*, ou *Ideal do Eu*).

Para aprimoramento de nossa compreensão concernente ao relacionamento entre as instâncias do *Id*, do *Ego* e do *Superego*, poderíamos propor uma analogia: direcionemos nossa imaginação à seguinte necessidade: domar um cavalo selvagem para o desempenho de um determinado número diante de uma plateia qualquer. Como você domaria o animal para enquadrá-lo em um conjunto de comportamentos específicos?

Uma possível alternativa para isso, poderia ser a seguinte: usar os limites do estábulo e também utilizar instrumentos, tais como: o laço, o cabresto, as rédeas, o freio, a espora etc. E, além destes, se poderia recorrer igualmente a torrões de açúcar para recompensar o cavalo quando executasse as tarefas esperadas.

Nessa ilustração, o *Id* corresponderia ao jovem cavalo selvagem, forte, impetuoso, disposto a satisfazer a todas as suas necessidades instintivas. O *Superego* equivaleria às mencionadas ferramentas de domesticação. O *Ego*, por sua vez, se assemelharia ao domador, ao condutor do animal pelos rumos mais

propícios para a obtenção dos resultados esperados de domesticação. O domador conduz o processo de tal maneira que consegue os comportamentos do animal ao mesmo tempo que consegue gratificá-lo.

É possível dizer também que o *Ego* age de forma satisfatória quando pode conciliar devidamente as demandas do *Id* sem desconsiderar as interdições do ambiente reivindicadas pelo *Superego*. “Portanto, uma ação do Eu é correta se satisfaz ao mesmo tempo as exigências do *Id*, do Super-eu e da realidade, ou seja quando concilia essas reivindicações entre si.” (FREUD, 1940/2018, p. 193, 194).¹²

Se, por um lado, já estudamos a origem e natureza do *Id* e do *Ego*, por outro lado, não seria de pouco interesse saber: e como surge o *Superego*?

A família terá uma função preponderante aqui. Por isso, preliminarmente, vale enfatizar que as influências da família e das primeiras relações estabelecidas entre a criança e seu ambiente terão um papel decisivo na formação de sua personalidade, de sua individualidade e determinarão em boa medida os padrões de relacionamento futuro dessa pessoa quando adulta.

As interações e relacionamentos adultos são fortemente influenciados pelas primeiras experiências infantis. As primeiras relações, aquelas que ocorrem no núcleo da família, são as determinantes; todos os relacionamentos posteriores referem-se

¹² Os teóricos que seguiremos no estudo do *Superego* descrevem sua natureza, características, funcionamento e influências de uma forma tão clara e pertinente que ganharão espaço proeminente no que veremos a seguir.

de várias formas aos modos pelos quais estes relacionamentos iniciais foram formados e mantidos. Os modelos básicos de criança-mãe, criança-pai e criança-irmãos são os protótipos a partir dos quais os encontros posteriores são inconscientemente avaliados. Os relacionamentos posteriores são, até certo grau, recapitulações da dinâmica, das tensões e das gratificações que ocorrem na família original (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 24).

Isso posto, vale dizer também que a partir de suas pesquisas, Freud entendeu que as crianças estabelecem relações de respeito, admiração e temor com relação aos pais. Eles são considerados seres elevados e que depois de admirados passam a ter seus valores (que, grosso modo, são os valores da cultura na qual se inserem) incorporados no psiquismo dessas crianças pela constituição do *Super-eu*.

Sem dúvida, e é este o algo elevado, o ideal do Eu ou Super-eu, o representante de nossa relação com os pais. Quando pequenos nós conhecemos, admiramos, tememos estes seres elevados; depois os acolhemos dentro de nós (FREUD, 1923/2011, p. 45).

É interessante pensar que, por meio desse processo o *Superego* vai passando de geração em geração e dessa maneira os valores e as tradições de uma sociedade se perpetuam. Notem como isso é expresso por Roudinesco e Plon:

Freud sublinhou também que o supereu não se constrói segundo o modelo dos pais, mas segundo o que é constituído pelo supereu deles. A transmissão dos valores e das tradições perpetua-se, dessa maneira, por intermédio dos supereus, de uma geração para

outra. O supereu é particularmente importante no exercício das funções educativas (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 745).

Há mais a saber sobre a formação do *Superego*. Na verdade, esta formação se dará de modo muito típico e diferenciado para cada indivíduo. Em certas circunstâncias a pessoa cederá aos apelos de sua consciência; em outras vezes poderá optar por transgredir frente às suas exigências. A equação depende do comportamento real dos pais e de como a criança reage às atitudes deles, considerando também o histórico de experiências anteriores.

O que um indivíduo considera bom ou mau é característico dele; assim também o fato de ele levar ou não a sério os comandos da sua consciência, de obedecer à sua consciência ou tentar contra ela se rebelar. A estruturação do superego, sua força, a maneira pela qual o ego a ele reage dependem, primeiramente, do comportamento real dos pais; em segundo lugar, das reações instintivas da criança em relação aos pais, o que, por sua vez, depende da constituição e da soma de experiências anteriores. Não se trata só de saber que tipo de gente os pais foram; a formação do superego depende de vários outros fatores também: qual das atitudes parentais a criança adota; se imita o comportamento positivo ou as atitudes proibitivas dos pais; em que estágio do desenvolvimento tudo isso ocorre... (FENICHEL, 1988, p. 435).

Os seres humanos, em sua tenra idade, percebem e introjetam assim valores e atitudes percebidos como sendo de ordem superior. No decorrer da vida, esta primeira formatação do psiquismo continua a ser mantida pelas figuras de autoridade que passam a fazer parte da vida dos indivíduos. Caso haja um

desvio em relação às expectativas destas autoridades, surgirão o chamado “peso na consciência” e a culpa.

Não é difícil mostrar que o ideal do Eu satisfaz tudo o que se espera do algo elevado no ser humano (...). No curso posterior do desenvolvimento, professores e autoridades levam adiante o papel do pai; suas injunções e proibições continuam poderosas no ideal do Eu, e agora exercem a censura moral como *consciência*. A tensão entre as expectativas da consciência e as realizações do Eu é percebida como *sentimento de culpa*. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, com base no mesmo ideal do Eu (FREUD, 1923/2011, p. 46).

Se a pessoa sente culpa, a vincula a uma possibilidade de punição. A associação destes dois elementos se torna um fator extremamente poderoso de controle da agressividade dos indivíduos e, conseqüentemente, de contenção social.

À tensão entre o rigoroso Super-eu e o Eu a ele submetido chamamos consciência de culpa; ela se manifesta como necessidade de punição. A civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por uma guarnição numa cidade conquistada (FREUD, 1930/2010, p. 92)

É através do estudo da natureza e das influências do *Superego* que teremos o quadro completo de como funciona o psiquismo humano na visão de Freud. Conseguiremos então atingir uma marcante clareza a respeito das forças ali presentes e do conflito que se estabelece em seu interior.

Como temos visto, o *Ego* funciona como um grande conciliador de forças opostas. Ele recebe reivindicações de prazer de um lado (*Id*) e é severamente admoestado a se manter firme ante às restrições do *Superego* e da realidade externa.

Como já foi dito, a função básica do *Ego* é tentar conciliar e sintetizar as exigências contraditórias, e mesmo incompatíveis, emanadas do *Id*, do *Superego* e da realidade externa. Ao exercer sua função, o *Ego* é, de um lado, observado com severidade pelo *Superego*, que estabelece padrões definidos para a sua conduta, sem levar em conta as demandas do *Id*. Por outro lado, o *Id* também luta pela satisfação plena de seus impulsos, permanecendo rígido e intolerante no desconhecimento das imposições do *Superego* e na ignorância dos limites impostos pela realidade externa. Esta última, por sua vez, permanece indiferente aos anseios, desejos e restrições que emanam e são criados pelo próprio sujeito (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 53, 54).

Na sequência, Freud resume de forma minuciosa e brilhante muitos desses aspectos envolvidos na dinâmica do relacionamento entre o *Id*, o *Ego* e o *Superego*. Na descrição que apresentaremos, o *Ego* aparece novamente como o inteligente mediador entre as solicitações de satisfação do *Id* (o que traz prazer ao psiquismo) e a realidade externa. Se a realidade externa apresenta alguma ameaça, o *Ego* pode decidir pelo adiamento da gratificação (ainda que isso gere desprazer).

Se, numa criatura humana, o *Id* faz uma exigência instintual de natureza erótica ou agressiva, a coisa mais simples e mais natural

é que o Eu, que tem à disposição os aparelhos intelectual e muscular, satisfaça essa demanda por meio de uma ação. Tal satisfação do instinto é sentida como prazer pelo Eu, assim como a não satisfação seria, indubitavelmente, fonte de desprazer. Ora, pode suceder que o Eu se abstenha da satisfação instintual em consideração a obstáculos externos, a saber, quando vê que a ação em causa produziria um sério perigo para si mesmo. Uma desistência assim da satisfação, uma renúncia instintual por causa do impedimento externo, ou, como dizemos, em obediência ao princípio da realidade, não é jamais prazerosa (FREUD, 1939/2018, p. 160, 161).

E nesse momento, chegamos em um trecho muito interessante da descrição de Freud. Enquanto as renúncias ao desejo impostas pelo ambiente serão sempre desprazerosas, as resignações provenientes das exigências do *Super-eu* podem, ao contrário, ser fontes de prazer. Observe:

Porém, enquanto a renúncia instintual por razões externas é apenas desprazerosa, aquela por razões internas, por obediência ao *Super-eu*, tem efeito econômico diverso. Além da inevitável seqüela de desprazer, ela proporciona ao Eu também um ganho de prazer, uma satisfação substitutiva, digamos. O Eu se sente elevado, fica orgulhoso da renúncia instintual, como de um ato valioso. Acreditamos compreender o mecanismo desse ganho de prazer (FREUD, 1939/2018, p. 161).

Freud pondera, portanto, que acredita compreender por que isso ocorre. Os motivos que ocasionam este prazer devem ter nossa atenção. Perceba a sutileza e profundidade das percepções de Freud relacionando as primeiras figuras de

autoridade nos anos de vida iniciais da criança e sua posterior introjeção no interior do psiquismo, o que se relaciona de forma direta com este prazer:

O Super-eu é o sucessor representante dos pais (e educadores), que vigiaram as ações do indivíduo em seus primeiros anos de vida. Ele continua as funções deles quase sem alteração; mantém o Eu em contínua dependência, exerce pressão ininterrupta sobre ele. Assim como na infância o Eu teme arriscar o amor do seu senhor, sente o reconhecimento deste como libertação e satisfação, e suas recriminações como remorsos. Quando o Eu faz ao Super-eu o sacrifício de uma renúncia instintual, espera, como recompensa, ser mais amado por ele. A consciência de merecer esse amor é sentida como orgulho. Na época em que a autoridade ainda não estava interiorizada como Super-eu, a relação entre a ameaça da perda do amor e a exigência instintual podia ser a mesma: havia um sentimento de segurança e satisfação quando, por amor aos pais, fazia-se uma renúncia instintual. Mas esse sentimento bom só podia assumir o caráter peculiarmente narcísico do orgulho depois que a própria autoridade se tornou parte do eu (FREUD, 1939/2018, p. 161, 162).

Então, em um primeiro momento, a criança sentia a perda do amor dos pais como uma ameaça e por isso renunciava a determinados prazeres instintuais. Quando os pais passaram a ser introjetados no psiquismo na forma de *Super-eu*, a pessoa passa agir não mais em atendimento a uma exigência da autoridade externa, mas de uma autoridade que agora está internalizada; e, ao atender estas exigências, passa a sentir orgulho, uma espécie de admiração por si mesma por conta dessa renúncia instintual.

A exposição que vem a seguir vai complementar de modo muito esclarecedor os processos que estamos a descrever. Por conta desta configuração do aparelho psíquico, o ser humano terá como destino viver em permanente estado de conflito. Acompanhe:

Assim, o Ego pressionado pelo Id, confinado pelo Superego, repelido pela realidade, luta para exercer eficientemente sua incumbência de conciliar as forças que atuam nele e sobre ele. Entretanto, se o Ego fracassa no exercício desta função, ele irrompe em ansiedade: ansiedade realística referente ao mundo externo, ansiedade moral referente ao Superego - que se manifesta através de intensos sentimentos de culpa e de inferioridade (por comparação ao Ideal do Ego dotado de todas as perfeições) - e ansiedade moral referente às forças das paixões do Id (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 54).

Vimos então que de acordo com o modelo proposto por Freud, as pessoas se diferenciarão com base nestes três domínios. O *Id* corresponde à natureza mais primordial, o reservatório de energia psíquica, a sede dos instintos, dos desejos e das paixões; conterà os componentes genéticos, hereditários, além de alguns elementos que foram retirados da consciência para evitar a angústia.

O *Superego* (ou *Super-eu*) representa uma espécie de consciência moral adquirida já nos primeiros anos de vida em função da interdição imposta pelos pais (e demais autoridades) ao livre fluir dos instintos e desejos da criança. Estas autoridades acabarão por ser introjetadas no psiquismo, que passará a “andar

sozinho”, sendo sempre chamado a avaliar a correção e conveniência de seus comportamentos.

O *Ego* (ou *Eu*) se constitui na instância mediadora entre as demandas do *Id* e as interdições do *Superego*. Ele avaliará a melhor conveniência de atuação, considerando a equação prazer-desprazer, além da adequação em termos da licitude e do tempo de ação (ou não ação) mais propícios.

É evidente que cada personalidade será constituída a partir de uma combinação única a envolver a natureza, a genética e todos os seus desdobramentos (*Id*) confrontados com a realidade externa e as modelagens da cultura típica em que a pessoa esteve inserida em seus anos primevos (*Superego*) e, também, pela mediação do *Eu*, considerando sua capacidade de percepção, cognição, avaliação e força. Sendo assim, os comportamentos, as atuações sociais e profissionais serão regidos por essas forças com importante destaque para a mediação do *Eu*.

É esta, pois, a configuração das instâncias e do relacionamento entre elas de acordo com o entendimento de Freud. São estes os elementos a partir dos quais se forma a nossa personalidade, e que, em grande medida, determinarão nosso destino. “Ao afirmar que é pela história de nossos desejos que forjamos nossa personalidade, a Psicanálise torna essa noção muito próxima da de

individualidade e de história de vida.” (REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984, p. 18).

Referências

ANGELONI, Maria Terezinha (org.); MÜLLBERT, Ana Luísa [et al.]. *Organizações do conhecimento: infraestrutura, pessoas e tecnologia*. São Paulo: Saraiva, 2008.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins*. Rio de Janeiro: Lexicon. 2010.

COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DAMASIO, Antonio. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. *Teorias da personalidade*. São Paulo, HARBRA, 1986.

FENICHEL, Otto. *Teoria psicanalítica das neuroses*. São Paulo: Atheneu, 1981.

FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Obras completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LENT, Roberto. *Neurociência da mente e do comportamento*. São Paulo: Guanabara Koogan, 2008.

MEYER, Catherine (org.). *O livro negro da psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PEREIRA, Maria Célia Bastos. *RH essencial*. São Paulo: Saraiva, 2014.

REIS, Alberto Olavo Advincula; MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo; GONÇALVES, Valdir Lourenço. *Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung*. São Paulo: EPU, 1984.

ROUDINESCO, Elisabeth. *¿Por qué tanto odio?* Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TELFORD, Charles W.; SAWREY, James M. *O indivíduo excepcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 198-?.